

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1168	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
	36 n.ºs	18 n.ºs	o n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	\$120	10 de Junho de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



DR. ALVES DA VEIGA
MINISTRO DA REPUBLICA PORTUGUÊSA EM BRUXELLAS

CHRONICA OCCIDENTAL

A conspiração contra a Republica!
Nós não temos com tal caso senão as responsabilidades de chronista; mas o ensejo dá permissão a que se collijam algumas reflexões que de ha muito os factos vêm fornecendo-nos espar-samente.

Das coisas singulares que se têm manifestado depois que se proclamou a Republica em Portu-gal, uma das que mais impressionam é a opposi-

ção violenta de homens que directa ou indirecta-mente muito concorreram para a quêda do velho regimen.

Veiu a revolução, pagina maravilhosa de energia, provar que a reserva de resistencias da raça heroica continuava abundante. Vê-se então como muda subitamente, antes que os factos podessem operar transformações, o modo de sentir dos antigos monarchicos.

São todos da mais accesa opposição á Repu-blica. Mas o que é que allegam? O espirito de tradição. A tradição monarchica em Portugal! E' o mesmo que um individuo rheumatico que vivesse arrastando anquilosado a carcassa, e que

recusasse a cura porque o pae foi rheumatico, o avô foi rheumatico, e o rheumatismo seria assim uma tradição sagrada de familia.

A tradição só vale nos povos como padrões estheticos. Que vale a tradição politica no seculo em que vemos na Inglaterra, agora mesmo, o sr. Balfour vencido por um mediocre, aliás como o sr. Asquith, porque o principio de hereditariedade que fórma a essencia dos seus principios, não pôde subsistir? E ali é a terra em que a tradição é tudo — lei, moral, consciencia.

Em Portugal, invocar a tradição para sustentar a monarchia é fazer obra impatriotica.

Seria decerto benevolencia occultar que os revolucionarios republicanos têm feito alguns actos de pura demagogia. Mas esses são prejuizos por assim dizer superficiaes, em que a culpada é ainda a monarchia. Toda essa agitação é natural, pela antimonía brusca que significa, numa sociedade que ha quatro seculos respirava um ambiente diverso. Não se pôde tirar um doente que estava encerrado ha muito tempo num quarto estreito e escuro, para o ar livre, sem que elle tonteie na vertigem.

O mal do governo provisorio é que exagera a Republica. E isto nasce do contraste inesperado. E' o natural estonteamento de uma aurora que surgisse violentamente. Ha todo um desassocego, um deslumbramento, um alvoroço. E' tudo isto que assignalamos — agitações, demagogias, descontentamentos, excessos — nasce naturalmente da violencia do contraste entre as novas institui-ções e a velha systematização monarchica, em que assentava e cochilava a sociedade portugueza.

D'ahi a lamentar a monarchia, é commetter uma incoherencia que raia pelo disparate, em homens que collaborem duma maneira mais efectiva, para a transformação politica que se operou.

A energia, um tanto inflammada dos republicanos, justifica-se pela lucta desapiedada que tiveram de sustentar e pela deslealdade dos proprios adversarios.

Nós sympathizariamos mais com essa energia, se ella fosse silenciosa e ferisse de preferencia os pontos menos secundarios da consolidação. Quizeramos que em Portugal se falasse mais em progresso do que em liberdade: sempre essa velha tecla do liberalismo sonhador.

Quizeramos, ao contrario, vê-lo num deslumbramento mais util, pelas realidades materiaes das nações modernas que organizaram a commodidade physica e o conforto moral para os cidadãos pelo trabalho intenso, e cogitam um pouco menos dessa famosa fórmula que é demodada num tempo em que o cidadão Jaurés se disfarça no poder pela face dos radicaes e em que a democracia se banalizou de Danton até Patahd. Quizeramos que em Portugal mandassem um mestre-escola para cada aldeia e administradores praticos e cultos para as colonias.

A Republica Portugueza é uma das coisas sérias do seculo. O patriotismo, em Portugal, que a creou com o sangue, está vivo. Apenas o entendem de modo diferente. Elle, porém, freme como no tempo das navegações, como no tempo da Africa.

Certo, não havemos de exigir uma paz absoluta, nem seria racional que o fizessemos, a um governo que se inicia, ou melhor, a um governo constituído em virtude da derrocada de institui-ções seculares, que, embora degeneradas ao ultimo ponto, sem duvida que projectaram, ao des-apparecer, alguma sombra de ameaça á luz que triumphou. Vêm-se de derrubar seculos, der-

rubando-se a monarchia, e o estrondo de tal derrocada ha de ecoar ainda por algum tempo na amplitude dos horizontes. E não se consegue assignalar uma conquista de tal ordem sem se dar logar a situações irregulares, anomalias, della mesma derivadas. E' da logica dos acontecimentos.

Porém, a Republica Portuguesa, esta republica que se fez proclamar em nome da intelligencia humana, tem o dever de evitar com magnanimidade e sabedoria essas situações, orientando melhor os seus proselitos e melhor se firmando para os vencidos como o regimen da justiça e do direito para todos. Faz-se mister mostrar aos inimigos que a republica é o governo de um só direito e de uma só justiça, e este facto não deixará de influir poderosamente no espirito dos indecisos. Que se comece governando com a preocupação de ensinar, de esclarecer; que se vá revelando, em todos os momentos, a superioridade e a beleza do regimen.

Tem-se, assim, a conquista pelo ensino e pelos factos, que deve ser a mais legitima, a mais solida, a mais ampla.

Não será sem o sacrificio da faculdade de vêr e julgar que se possa aceitar a hypothese de uma restauração em Portugal. Ninguem que faça uma jornada com um enorme peso nos hombros terá vontade de prolongar essa jornada muito além do ponto do destino. Quem chega á fórma perfeita, não desejará tornar á inferioridade. Demais, os sentimentos do momento, os vôos do progresso humano, por um lado, e por outro lado as condições sociologicas de Portugal, o cultivo do seu espirito, a sua capacidade para viver, o seu genio elevado, a rebelião de seus nervos excitados, tudo, mas tudo mesmo, ahí está a dizer que não é possível aceitar a idéa restauradora na formosa Republica do Tejo.

Que desvario o dos que não se apercebem que as monarchias estão em contraste com a evolução humana, e que por isso vão desaparecendo!

Se algumas ha que tornaram a governar, ha muitos annos isso foi. A civilização de hoje, que procura derroca-las, não tolera o absurdo phenomeno das restaurações. Quem aqui se ergueu com a liberdade, triumphou com a Republica e como vae voando com a civilização, poderia consentir num acto que seria o aniquilamento social para este velho paiz cuja imagem é o seu passado?!

E' preciso vêr, sobretudo, que não ha um nem dois dias que Portugal vem luctando pela liberdade. Ha muitos seculos vem elle abrindo terras e rompendo mares na ancia de ser tão livre quanto grande...

JOÃO PRUDENCIO.

Dr. Alves da Veiga

Ministro da Republica Portuguesa em Bruxellas

O governo provisório da Republica vae nomeando os novos representantes de Portugal nas côrtes estrangeiras, como em numeros anteriores desta revista temos referido, principiando pelo Brazil, Suissa, Paris, Londres, Madrid e agora Belgica, para onde foi creditado ministro junto do governo deste país o sr. dr. Alves da Veiga, que ha vinte annos, na manhan de 31 de janeiro de 1891, levantou o primeiro grito de revolta proclamando a Republica, na heroica cidade do Porto.

Do que foi essa revolta frustrada encontra-se sucinta noticia na cronica do OCCIDENTE de 11 de fevereiro de 1891, como tambem nesse numero do OCCIDENTE se lê, a respeito de Alves da Veiga, as seguintes linhas, que acompanharam o seu retrato de então:

«Alves da Veiga é considerado um dos chefes da revolta que tinha por fim proclamar a republica em Portugal, principiando pelo Porto.

Um dos membros mais importantes do partido republicano é tambem dos de mais acção, e no anno passado viajou por Espanha, França e Italia onde se relacionou com os homens mais importantes do seu partido e assistiu a varias reuniões e banquetes de caracter politico, como constou pelas noticias publicadas por toda a imprensa.

O n.º 437 do OCCIDENTE de 11 de fevereiro de 1891 refere-se largamente á revolta de 31 de janeiro, com os retratos dos revoltosos e cenas dos combates. O n.º 442 refere-se tambem ao julgamento, com illustrações.

Augusto Manuel Alves da Veiga é filho da provincia de Traz-os Montes, onde nasceu em 1850.

Formou-se em direito na Universidade de Coimbra e desde estudante que manifestou as suas idéas avançadas em varios periodicos que fundou em que se conta a *Republica Portuguesa*, jornal em que colaboraram Magalhães Lima, Alves Moraes, Lopes de Mello, Alvaro de Mendonça, Almeida Ribeiro, ainda estudante e Manuel de Arriaga, Silva Pinto e Albano Coutinho.

Foi fundado por Alves da Veiga o *Centro Eleitoral Republicano do Porto*, e na lista do governo provisório da republica figura o seu nome.

Alves da Veiga, á testa da revolta, leu das janelas dos paços do concelho do Porto, a proclamação do novo governo ao povo.»

Tudo se malogrou então e, Alves da Veiga, emquanto muitos dos seus companheiros ficaram presos e sujeitos aos conselhos de guerra, elle ponde emigrar para França, instalando-se em Paris, indo ali ter depois sua mulher e seus filhos, ainda creanças.

A causa que elle defendia reclamava o seu auxilio e elle não lh'o negou, trabalhando sempre pelo seu ideal, ao mesmo tempo que trabalhava para angariar os meios de subsistencia para a sua familia, pois seus bens de fortuna haviam sofrido grande depreciação com estas aventuras, atendendo quanto ponde a muitos de seus companheiros de infortunio.

Em 1893, um decreto do governo português amnistiava em parte os condemnados da revolta; Alves da Veiga poderia voltar á patria, elle, porém, não aceitou essa amnistia, porque ella não era completa. Quiz ser solidario nos sacrificios como o era nas idéas e só voltaria á patria quando esta recebesse por igual todos os seus companheiros de exilio ou que ainda sofriam nos carcereiros.

Assim o declarou, continuando em Paris, onde os annos decorreram até vêr triunfar o ideal por que se sacrificára, sem nunca descurar da sua causa.

E' este o republicano historico a quem o governo da Republica encarregou de representar Portugal na Belgica, sendo de esperar que o distinto professor de historia e advogado seberá tambem afirmar suas qualidades de diplomata.

doz da marinha de guerra japonêsa. O almirante Bacon é reputado um dos mais autorizados tecnicos da artilharia naval.

A apresentação não poderá ser melhor assim como a proposta vantajosa, entretanto é muito para ponderar, não só pelos encargos que traz ao



OS ALMIRANTES INGLÊSES SIR S ACHIBAL DUNGLASS, BACON, LORD FURNESS, E O SR. WILLIAM SCOT

orçamento, nas atuaes circumstancias, mas ainda por outros encargos não menos consideraveis como sejam os do costeo dos navios que demanda de algumas dezenas de contos de réis diarios para se manterem em boas condições de serviço.

Achamos tudo isto magnifico quando o estado financeiro de Portugal o permita, por emquanto, porém, é preciso muita prudencia.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

Passámos o Cabo Froward, limite sul da nossa viagem, ás 9 h. e 15 m. e seguindo sempre á vista d'um surpreendente panorama que tem qualquer coisa dos Lagos da Suissa misturado com os fjords da Noruega, fundeámos ás 2 horas da tarde na linda bahia de Borja, um pequeno porto que não tem mais de meia milha de largura mas que, perfectamente abrigado do vento, parece um lago. Tendo acontecido perderem-se n'estes estreitos navios que dando em pedras desconhecidas se afundam immediatamente em grandes profundidades, mandei fazer um exercicio de abandono de navio que correu regularmente. A exemplo do que teem feito outros navios que teem estado fundeadós n'esta bahia, collocámos em terra uma taboa com o nome do navio e a

S. GABRIEL

CRUZADOR PORTUGUEZ

26-2-1910

data. Nos montes perto vê-se uma queda d'agua que vem desaguar na bahia e onde as praças foram lavar roupa.

No dia 26, pelas 5 horas da manhã, suspendemos, sahimos da bahia e com a velocidade de 12' começámos a navegar no Estreito de Magalhães d'onde sahimos ao meio dia para entrar no Canal Smith. Continuámos como na vespera a navegar entre grandes montanhas cobertas de neve. O tempo felizmente melhorou e de tarde appareceu o sol.

Esta parte da navegação do Canal Smith foi para nós a mais séria por haver passagens estreiti-

VISITANTES ILUSTRES EM LISBOA

A reconstituição da marinha de guerra portugueza

Nos ultimos dias tem estado em Lisboa, de visita, os almirantes inglêses sirs Achibald Duglass, Bacon e lord Furness, que chegaram ao Tejo no yacht de recreio *Esmerald*. Estes illustres visitantes, acompanhados pelo sr. William Scot, tiveram uma demorada conferencia com o sr. ministro da marinha acerca de umas propostas de fornecimento de material naval, em tempo apresentadas pelas empresas de que o sr. Scot é representante, tratando-se tambem da construção do arsenal de marinha na margem sul do Tejo.

Essas propostas abrangem a construção de uma esquadra portugueza de 4 couraçados de desasseis mil toneladas, ultimos modelos de couraçados inglêses, 3 grandes cruzadores, 5 *destroyers* e 4 submarinos, o que ha de mais moderno.

O custo destes navios será de uns trinta e cinco mil contos e poderão estar prontos em dois annos. A construção do novo arsenal custará uns dez mil contos e levará quatro annos a fazer.

Para cobrir esta despesa calculada em quarenta e cinco mil contos, lord Furness oferece um emprestimo de igual quantia, sem caução e ao juro maximo de 4 a 4 1/2 por cento, aplicado a este fim e amortisavel em vinte e cinco annos, devendo essa amortisação ser incluída no orçamento annual do Estado.

Lord Furness é um dos maiores armadores da Inglaterra, proprietario de grande numero de vapores, de um caminho de ferro e de varias fabricas, sendo considerado no seu país uma autoridade financeira. O almirante Achibald Duglass, comendador da ordem do *Banho*, foi o organisa-

tas e ter de se navegar com uma carta de escala muito pequena, visto o governo chileno não ter ou ter-se esquecido enviar-me a carta 631 do Almirantado Inglez. A's 3 h. e 15 m. da tarde fundeámos no porto interior do Isthmus, um porto pequeno mas muito abrigado.

Collocámos em terra um outro letreiro com o nome do navio e data.

No dia 27 ás 5 h. e 30 m. da manhã suspendemos novamente e continuámos a navegar no Canal Smith entre montanhas cobertas de gelo como nos dias antecedentes. Um vento fresco do norte faz sentir bastante frio. Andando a 12' atravessámos a passagem Victoria ás 7 horas, entrando no estreito de Collingwood que depois das 8 abandonavamos para seguir pelo Canal Sarmiento, mais comprido e direito que os outros. A 1 hora da tarde fundeámos no porto interior de Porto. Bueno, que é muito abrigado e que tem 180 metros na entrada e dentro 450 metros de diametro. No fundo da bahia encontra-se um grande lago d'agua doce e uma cascata d'onde os navios facilmente podem fazer aguada. Collocámos um alvo e aproveitámos a tarde fazendo exercicios de artilheria.

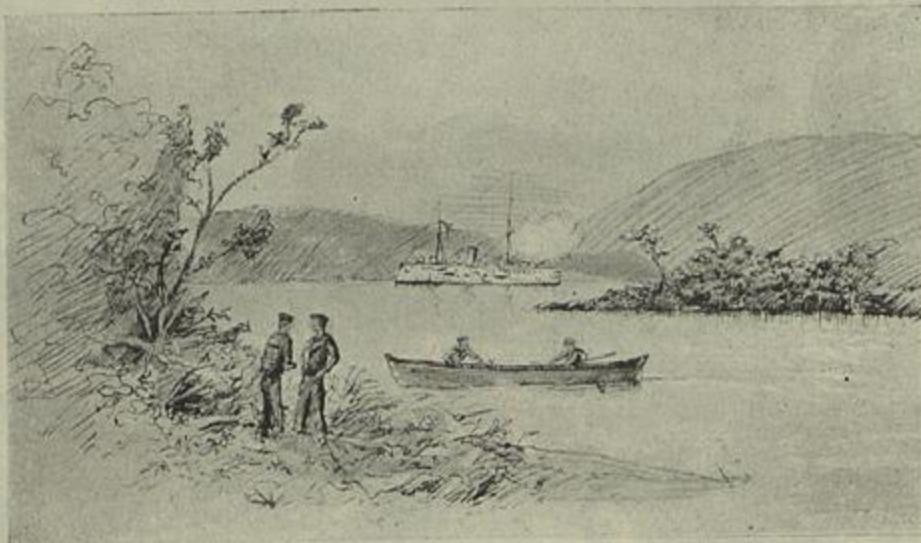
Amanheceu o dia 28 com muito mau aspecto e no barometro notou-se uma baixa sensivel, ficando a 755. Suppozemos que se tratava d'um dos temporaes passageiros de verão que em breve passaria, por isso sahimos de Porto Bueno pelas 5 horas da manhã com tenção de ir fundear em Eden, 135 milhas distante, antes do pôr do sol. O tempo porém continuou a piorar e quando ás 7 horas passámos pelo estreito da Guia, que tem 270 metros de largo, para o Canal dos Innocentes, as rajadas de vento que desciam a montanha faziam adornar o navio. Sendo o vento quasi sempre pela prôa e tendo-me retardado a marcha, mandei andar a 13' para recuperar o tempo perdido. Quando entrámos porém no Canal Concepcion os aguaceiros seguiam-se sem deixar vêr a terra a pequenissima distancia. Navegar n'estas condições pareceu-me imprudente e por isso procurei o primeiro porto de abrigo, Senoret, onde entrámos pelo meio dia. E' um porto muito abrigado, no fim d'um canal d'umas tres milhas de comprimento e 600 metros de largo, mas a entrada entre rochas é bastante perigosa por ser muito estreita: tem de largo 63 metros.

Amanheceu o dia 1 chovendo torrencialmente. Como todas as informações nauticas dizem que n'estes canaes as chuvas são quasi perpetuas, não era isso motivo de reparo. O barometro porém não hesitei em partir ás 8 horas, quando o tempo me pareceu ir melhorar como de facto aconteceu. Sahimos sem novidade de interesse o porto de Senoret, continuámos no Canal Concepcion até á bifurcação com o da Trindade e sempre com chuva e horisontes curtos, percorremos o Wide Channel, de cujos montes corriam para o mar torrentes formando cascatas, resultantes da chuva, e da neve, que devido a elevação de temperatura, e originada pelos ventos do norte, se ia pouco a

e em baixo de vegetação. As margens d'este canal são cortadas a prumo, não havendo em todo elle uma unica sonda. Para o passar como fizemos, navegando a 12', é preciso um grande cuidado no governo, como facilmente se comprehende. Pouco depois seguiu-se uma parte semeada de baixos, Indian Reach, felizmente balisados pelo Chili com boias e pyramides e pela natureza

Canaes da Patagonia foi deveras emocionante, e uma optima lição para os novos officiaes.

Ao mesmo tempo que a vista se deleita n'um grandioso e imponente panorama, o espirito não pôde esquecer as difficuldades e perigos que a navegação apresenta. Lá estava á entrada do canal Smyth, n'uma volta apertada, o casco partido ao meio d'um paquete allemão para nos fa-



EM PORTO BUENO, NO CANAL SMYTH. O «S. GABRIEL» FAZENDO EXERCICIO DE TIRO AO ALVO
Desenho do sr. Pinto Basto

com Kelp (algas marinhas muito grandes) que nestes canaes constituem uma preciosa indicação. A's 2 horas da tarde fundeámos no porto Eden, sem duvida um dos melhores d'estas paragens. O tempo melhorou, parando a chuva e aproveitámos para fazer exercicio de tiro sobre o casco do vapor Inglez *Hermia* naufragado á entrada do porto. Estavamos pelo Governador do Territorio ancorisados a fazer este exercicio que deu em resultado partirem-se muitos vidros dos alojamentos e camaras de ré quando as peças de 12 atiraram em retirada.

Suspendemos no dia 2 pelas 9 horas da manhã e sahimos do porto de Eden pelo Canal de leste. Iamos passar para os English Narrows considerada a mais perigosa passagem obrigada d'estes canaes, não só pela pouca largura, 185 metros, mas por ter uma curva muito apertada de perto de 90 grãos, onde a corrente de maré ás vezes attinge 6 milhas por hora. Por isso o roteiro aconselha a que ali se passe em agua parada, phenomeno que se dá 45' depois da preamar ou baixamar. Calculámos a hora da maré e assim pelas 10 h. e 30 m. da manhã passámos

zer lembrar o perigo resultante de tomar uma ilha por outra, e mais longe, quasi no fim dos canaes, depois de muitos outros navios afundados, para nos mostrar o que a falta de sorte pôde occorrer, a boia que assignala a pedra onde se perdeu o *Cotopaxi* da Companhia do Pacifico, baixo existente a meio canal e não indicado então nas cartas, que fez afundar aquelle paquete em poucos minutos, cujos passageiros e tripulantes sofreram grandes privações, alimentando-se durante semanas de ervas e cebo, e não tendo sido trucidados pelos indigenas devido ao seu grande numero.

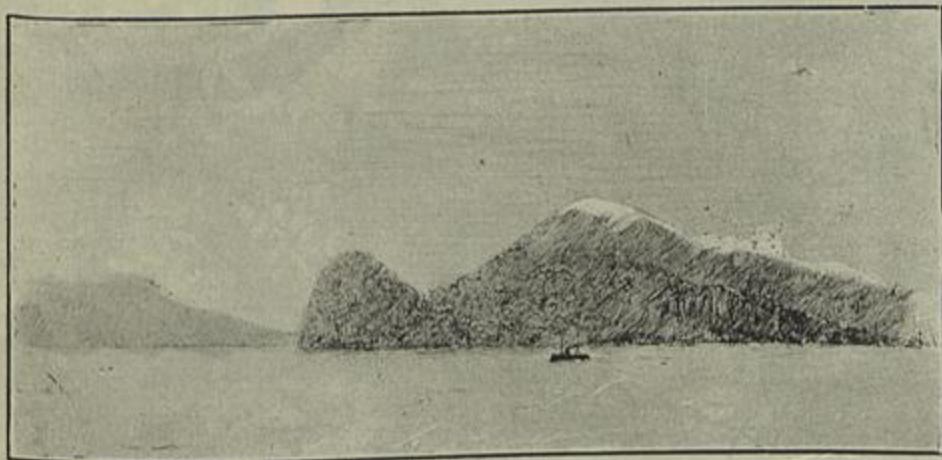
Por outro lado as cartas hydrographicas, nas quaes trabalharam Wharton, um dos mais notaveis hydrographos e ainda ha pouco Chefe da Repartição Hydrographica do Almirantado Inglez, Nares, Lecky, e outros notaveis officiaes da Marinha Britannica, e os reconhecimentos hydrographicos feitos a pedido da Companhia Kosmos pelo navio de guerra allemão *Albatross*, publicados no *Hydrographie und Maritime Meteorologie*, de Berlim, dão uma grande confiança aos navegadores. Acresce a isto o facto dos baixos e pedras estarem assignalados com boias e balisas pelo governo chileno, e por grandes algas fluctuantes (Kelp) pela Natureza, constituindo assim um providencial aviso aos navegantes.

No Golfo de Peñas havia ondulação larga mas quasi calma, o que raras vezes acontece. A's 11 horas da noite começámos a navegar para o norte ao longo da Costa do Chili. O dia 3 de março encontrou-nos navegando, com vento e mar á pôpa e um ceu azul que não víamos ha muitos dias.

Viram-se muitas baleias. No dia 5 pelas 9 horas da manhã estavamos em comunicação telegraphica com o cruzador-couraçado chileno *O Higgins* em Talcahuano, com quem trocámos affectuosos cumprimentos e communicámos depois do meio dia a nossa posição. De tarde já falámos com a Estação de Valparaizo, á qual informámos da hora provavel da nossa chegada no dia seguinte. A' noite realisou-se n'um theatro improvisado na tolda uma recita promovida pela guarnição e dirigida por aspirantes.

Na manhã de 6 recebemos uma comunicação de Valparaizo dizendo que á nossa chegada seríamos donduzidos a uma boia que nos estava destinada, o que agradecemos. A's 8 h. e 30 m. avistou-se terra, ás 10 h. salvávamos com 21 tiros á bandeira chilena e ás 10 h. e 30 m. amarravamos a duas boias de pôpa e prôa, tendo largo o ferro de bombordo com 90 braças.

Como se vê, chegámos a Valparaizo apenas com um dia de avanço sobre o projecto de viagem que em Lisboa foi approvedo. Deixámos, é facto, de tocar em Pernambúco por causa do estado sanitario d'aquella cidade, e no Rio Grande do Sul por não haver agua na barra. Não

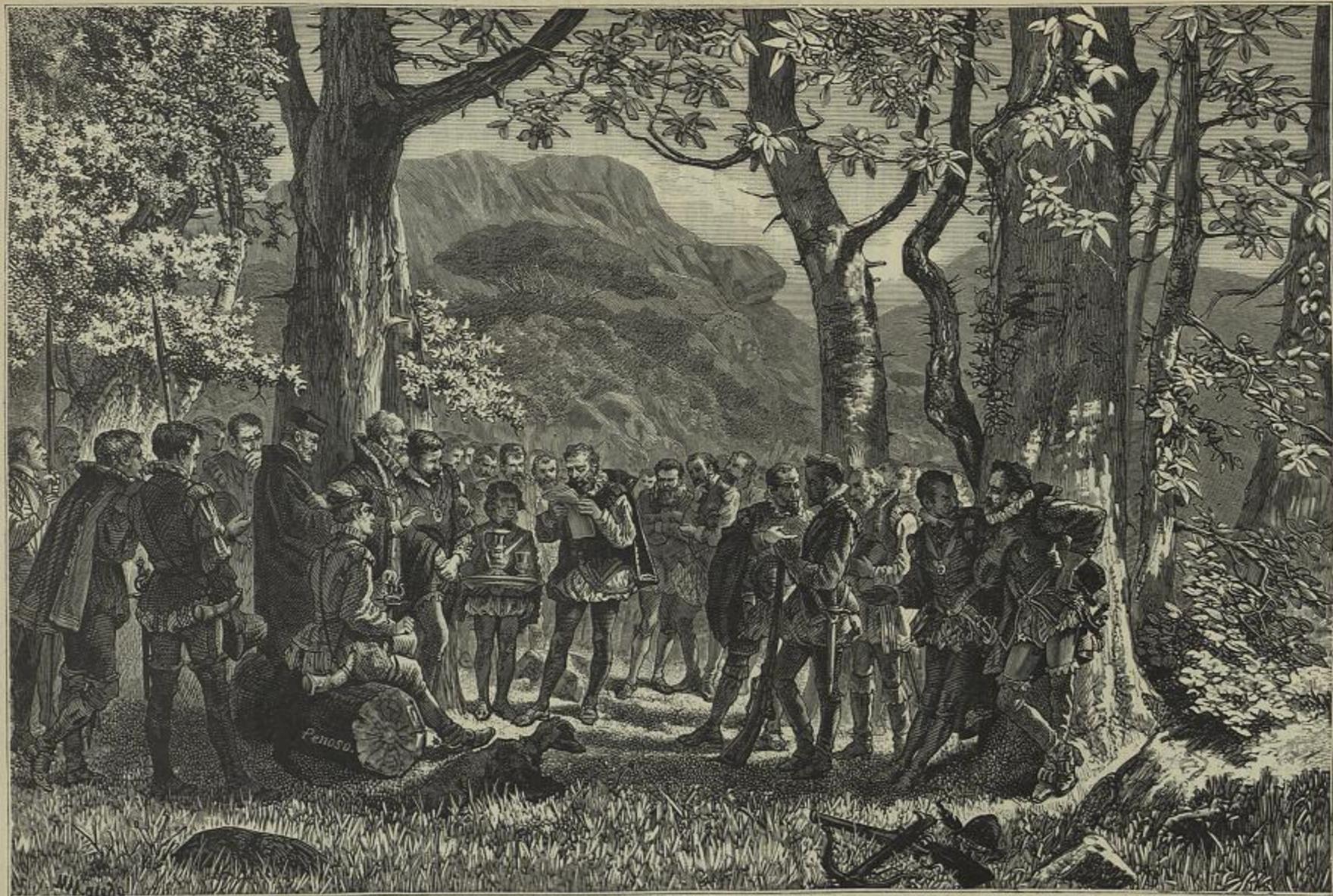


CABO FROWARD (TRAIÇOEIRO) NO ESTREITO DE MAGALHÃES
Desenho do sr. Pinto Basto

pouco fundindo. De facto, a temperatura passou rapidamente de 7 a 14 grãos. Ao meio dia chegámos ao Chasm Reach (braço de mar do Abysmo), sem duvida a parte mais bella d'estes canaes da Patagonia. E' um canal quasi rectilíneo com mais de seis milhas de extensão, tendo uma largura variavel entre 120 a 500 metros entre elevadas montanhas, cobertas nos cumes de neve

aquelle conhecido estreito, onde effectivamente encontrámos a agua parada sem a menor difficuldade, entrando em seguida no Canal Messier que nos devia conduzir até ao Pacifico, onde entrámos pelas 5 horas da tarde, occasião em que soltámos o rumo a sahir do Golfo de Peñas por 67° NW.

A passagem que acabavamos de concluir pelos



CAMÕES LENDO OS «LUSIADAS» A D. SEBASTIÃO, NA PENHA VERDE
Desenho e composição original de Manuel de Macedo, no tricentenário de Camões (1880)

Digressão pelo Oeste do Algarve

fômos também a Coronel, por isso que a ida ali tinha por fim metter carvão da mina de Lota, muito mais barato do que Cardiff, e do qual fazem uso os paquetes. Os officiaes argentinos e os proprios chilenos que não o usam, informaram-me tão mal sobre as suas qualidades que resolvi prescindir d'uma economia que podia resultar em despeza com concerto de caldeiras. Em compensação porém tocámos em Borja Bay, Isthmus, Porto Bueno, Senoret e Eden, portos do Estreito de Magalhães e canaes da Patagonia onde não ha, é certo, populações a quem mostrar a nossa bandeira, mas houve entradas e sahidas difficeis e aproveitou-se o tempo fazendo ali exercicios de tiro ao alvo.

O estado sanitario da guarnição é bom e pouco se resentiu da passagem pelo clima frio do Estreito. Apareceram umas ligeiras bronchites que rapidamente se curaram com a mudança de temperatura.

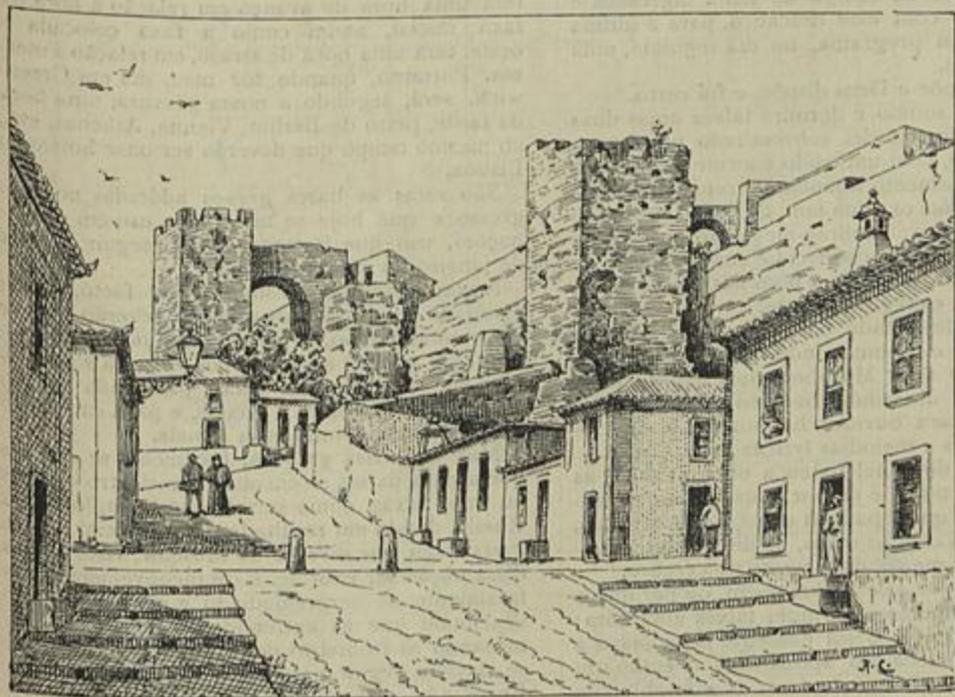
(Continúa)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



A ANTIGA SÉ DE SILVES, HOJE IGREJA MATRIZ — Desenho do sr. Ribeiro Christino

Com a censura acontece o mesmo que com as sogras — acostuma-se a gente a ellas: mas é preciso ter muita paciencia e um pouco de espirito.



RUINAS DO CASTELO DE SILVES — Desenho do sr. Ribeiro Christino

o seu poema que encheu o moço rei de brios e de entusiasmos para novas conquistas.

Perdidas foram, é certo, por temerarias. Não estavam os tempos para essas aventuras por que a gente portugêsa passara pelos horrores da peste que lhe sepultara mais de quarenta mil vitimas em Lisboa; era, acaso, metade da sua população, a miseria e a fome assolára esta terra coberta de luto.

No meio de tantos horrores, só dois homens tinham uma esperança que se lhe avivava nalma, como o fogo que ainda quer esbrasear das cinzas — eram D. Sebastião e Camões.

Movia-os o intenso amor da patria abatida.
E' esse amor que hoje também move o espirito d'este povo, glorificando o seu épico, Luis de Camões, que o mesmo é que glorificar a patria que elle encarna.
E' o dia de Camões.

Digressão pelo oeste do Algarve

III

(Continuado do n.º 1165)

Ao fim do dia regressava novamente a Portimão ponto central obrigado para estas jornadas, feitas em diversas direcções; depois de jantar no hotel, como o ar estava tépido

O DIA DE CAMÕES

Camões lendo os «Lusiadas»
a D. Sebastião

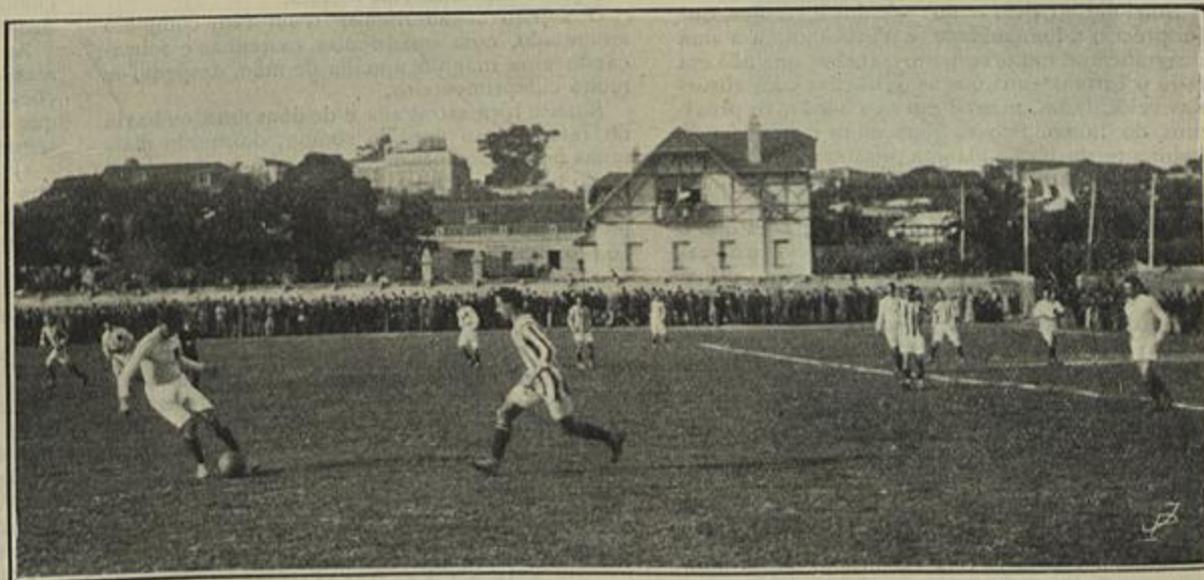
Ha trinta e um annos — completa-os hoje — a alma portugêsa acordava para uma ruidosa consagração ao cantor das suas glorias. Foi o primeiro toque de alarme para o resurgimento do povo cantado por Camões nos seus imortaes *Lusiadas*. Eram estes como que o lemma de uma nova era que se preparava.

A gestação foi laboriosa e longa, mas chegou, emfim, ao seu termo e essa nova era tornou-se um facto consumado.

A patria de Camões surgiu de novo e já não poderá dizer como o poeta ao deixar o mundo: «Emfim acabarei a vida; e aqui verão todos que tão amante fui da minha patria que não contente de morrer nella, quiz também morrer com ella.»

Resurge a patria e aviva-se a memoria do seu cantor épico. Por toda a Lisboa espalham-se estancias dos *Lusiadas*, cada uma é uma epopea. Que o povo as leia, as decore, para que saiba bem quanto foi grande, e quanto o poderá ainda ser, porque o sangue é o mesmo.

Assim Camões leu a D. Sebastião



UM «MATCH DE FOOT-BALL» CONTRA UM «TEAM» PORTUGUÊS

Pela primeira vez se realisou em Lisboa um desafio de «foot-ball» muito interessante, em que tomaram parte alguns socios do «Stad Bordelais Université Club» que aqui vieram combater com os socios do «Internacional Club» que ganhou no primeiro combate por dois «goals». No segundo combate ganhou por cinco «goals» contra um, a «Associação de Foot-ball de Lisboa». No terceiro e ultimo «match» bateram-se os franceses com o «team» do «Desporto Lisboa e Bemfica» vencendo os primeiros por quatro «goals». Francêses e portugêses, todos se bateram com denodo, cabendo, porem, a maior vitoria aos ultimos.

e calmo, fui passear para o formoso jardim público e o mesmo faziam muitas outras pessoas, adultos e crianças; já noite fechada, sentei-me n'um dos bancos do caes, tendo á esquerda o bulício dos pequenos brincando por entre as placas do jardim, e á direita a vasta ria, de onde vinha o falar dos marítimos nas embarcações ali proximo ancoradas e assim, de barco para barco, questionava-se e diziam de um d'elles:

— O' Antonio, traz o barco mais para aqui, que tem agua.

— Não tem não, que eu bem vejo o do André, que está no lodo.

— Não sejas teimoso, homem! o meu barco está aqui ainda mais acima e está muito bem a nado.

E a questão seguia, com a nota cómica de as phrases que trocavam os embarcadiços, serem sempre cantadas com geito interrogativo, segundo o curioso sutaque falado pelo labutador povo algarvio.

O luar viria mais tarde e o Firmamento via-se em torno e ao alto, em toda a sua magestosa amplidão, povoado de numerosas estrelas, que brilhavam com suaves scintillações, destacadas da treva do incomensuravel abysmo, que só durante a Noite nos é dado admirar.

Quantas vezes, á noite, na eira da minha casinha alemquerense, pelas ferias do verão, deitado de costas na palha, as mãos sob a nuca, me ponho a divagar atravez do Infinito; agora tambem ali, n'aquella amena noite de Portimão, egualmente contemplava o sublime espectáculo de tantos milhares de sóes dispostos a tão espantosas distancias uns dos outros.

Como bom *alfacinha*, aproveitei a occasião de pôr em uso os meus minguados conhecimentos cosmogónicos, para me orientar na direcção da querida cidade de Lisboa, colocada ao norte do logar em que estavamos.

Procurei primeiro encontrar a constelação da *Grande Ursa* ou o resplandecente *Carro* cantado na *Illiada*, composta por sete lindas estrelas, quatro em quadrilatero e trez alinhadas formando a cauda, lá estava ella proxima ao horizonte; agora fômos reconhecer o logar do brilhante conjunto da *Cassiopea*, constelação que os astrónomos representam por uma bella mulher coroada, com sceptro e sentada n'um throno, tambem encontrámos.

Com a vista fui seguindo uma linha recta imaginária, desde a *Cassiopea* ao lado menor da *Grande Ursa*, opposta á cauda, a meio caminho lá encontrei tambem, em estrelas mais pequeninas, a *Ursa Menor*, que tão notavelmente imita em ponto pequeno e em posição inversa a *Maior*.

Segui então as trez estrelas da cauda e a ultima era a famosa Estrela Polar, marcando o Norte, era n'aquella direcção que, cá na terra, se achava a gloriosa capital da Nação Portugueza.

E' sabido que a Estrela Polar parece immovel por passar por ella o eixo imaginário do nosso glôbo e todas as myriades das demais estrelas parecem rodar-lhe em torno em cada vinte e quatro horas.

Sorri-me ao pensar nos séculos e séculos, que foi preciso á humanidade, e n'esta mesma a uma insignificante minoria, para perceber que não era todo o Firmamento, que se deslocava com absurdas velocidades, mesmo para os Sóes mais proximos do nosso, isto só para mera distracção do habitante do nosso planeta, mas sim era a nossa grande Terra, — alias tão pequenina em relação ao Espaço, — que rodando sobre si mesma, ma thematicamente todos os dias, fazia com que o habitante terráqueo, podesse passar revista ás variadas constelações, as quaes só durante o formoso Dia se não podem ver, por o maravilhoso Sol, no seu tambem aparente caminhar do Oriente para o Occidente, desluzbrar a Terra e o Ar com a sua resplandecente luz, fonte da vida, do calor e da alegria terrestre.

Afinal, é um caso identico como o que acontece a qualquer de nós, quando, sentado n'uma caruagem de caminho de ferro em velocidade, parecer-lhes serem as casas, as arvores e os campos que fogem velozmente, quando é o comboio que corre atravez os terrênos.

Outras constelações vi eu brilhar lá no alto, como o lindo circuito de estrelas da *Corôa boreal*; a *Lyra* com a sua brilhante *Vega* e tantas outras; lá mais para a noite velha brilharia a mais bela das constelações, a do *Gigante Orion* o qual tendo á cinta as trez alinhadas estrelas, chamadas as *Treç Marias*, parece, com os punhos altos e os pés afastados, querer continuar a escalar o Ceu.

O pensamento ia indo longe em divagações sideraes, admirando a ordem do Cósmos; a poeira ástral que fórma a *Via Lactea*, a grande nebulosa, que

rodeia os dois hemisferios; o movimento para nós quasi imperceptivel de tantos longinquo sóes e entre elles o nosso Sol, que tambem se vae trasladando vertiginosamente, com a sua côrte de planetas e satélites, circulando-lhe em volta atravez do Espaço, lembrando-me, salva a comparação, uma galinha mãe quando magestosamente vae atravessando um terreno, com os seus pintainhos, todos sempre ás corridinhas proximo d'ella.

Era forçoso parar com o devaneio astronómico, que podia acabar... em constipação, pois o ar carregado de humidade da ria, fazia-se sentir e assim recolhêmos ao hotel.

Estava n'elle instalado, tratando de consumir um pãozinho em torradas e algum chá, quando o creado de meza se me dirigiu muito sorridente, perguntando-me, se authorisava, que no quarto que eu occupava, e onde havia um leito devoluto, se hospedasse um individuo, pois por estar tudo occupado, não havia outra cama, se não aquella que me pedia.

— E' pessoa que conhece? perguntei.

— Sim, senhor, já aqui tem vindo outras vezes.

Como um hotel se fez para os hospedes que necessitam de pousada, não tive duvida em consentir.

Pouco depois deitava-me, calculando dormir bem, em vista da fadiga de tanta digressão e dispondo-me, com esse descanso, para a ultima *étape* do meu programa, no dia seguinte, uma visita a Silves.

O homem pôe e Deus dispõe, e foi certo.

Peguei no somno e dormira talvez umas duas horas, quando acordei sobresaltado no escurecido aposento, com um ruido enorme que ia pelo quarto, de momento a momento repetiam-se uns dissonantes roncões, que iam do baixo profundo ao bariton alto; lembrou-me então que era ali ao lado, o meu desconhecido companheiro de quarto, o qual dormindo a bom dormir, rressonava continua e estrepitosamente.

Ante tão desafinado barulho, não tinha meio de conciliar o somno, indo assim espancado para longe o deus Morpheu; pois sempre, cada vez mais, os desarmónicos sons estrugiam insuportaveis, para ouvidos habituados ás deliciosas harmonias e melodias lyricas de S. Carlos.

O relógio do hotel bateu a uma, as duas, as trez horas da noite, e eu por mais voltas que desse, por mais que tapasse a cabeça com a roupa, ou os ouvidos com as mãos, os discordantes roncões estrugiam-me continuamente no cérebro.

Afinal, ou por que afrouxassem, ou por que o somno me vencesse, dormitei talvez uma hora; quando acordei já o sol nascente principiava a illuminar a janella do aposento e vi então um sujeito baixo e gôrdo, que fazia as suas abluções e que vendo-me desperto, sorridente me cumprimentou, agradecendo-me muito a condescendencia em lhe ter facultado o quarto.

— Talvez o encomodasse alguma cousa? queira desculpar-me, sim?

— Ora essa! em nada me encomodou, retorqui, pondo em linha varias phrases hypócritas, ditas pelas conveniencias sociaes.

O sujeito encadernou-se n'um fato completo amarelado, com quadriculas castanhas e sobraçando uma magnifica malla de mão, despediu-se muito cumprimenteiro.

A noite fôra estragada e de duas uma, ou havia de recuperar o perdido somno, dormindo mais umas horas, ou aproveitar o comboio matutino, o unico que me facilitava a ida a Silves.

Optei pela ultima alternativa e depois de apromptar-me e em quanto liquidava a minha despesa com o creado do hotel, perguntei-lhe:

— Disse-me hontem que conhecia o individuo que ficou no meu quarto, quem era?

— Ah! conheço muito bem, é o sr. F., é um caixeiro viajante.

— Está bem, disse, e comigo fui acrescentando: mais um exemplar para a colecção e este deixa-me recordações...

(Continua.)

RIBEIRO CHRISTINO.

CIENCIA MODERNA

A unificação da hora

O governo provisório da República acába de decretar, em Portugal e nas suas colónias, o uso da hora universal. Já em 1883, em Roma, se pensou de assentar as bases geraes para a sua adção, em um congresso, onde se reuniram os mais notáveis vultos geodésicos de cada país,

afim de que as comunicações entre esses países fosse facilitada. Não era facil a solução do problema, pois cada logar adóta uma hora diversa e portanto, em toda a superficie da Terra, havia um grande numero de horas diferentes, motivadas pelo movimento de rotação do nosso globo, sobre o eixo, que origina a sucesão do dia pela noute, e vice versa.

No anno seguinte, um congresso em Washington porseguiu no mesmo estudo, e ahi foi resolvido dividir o globo em 24 faxas, contendo, cada uma, 15° gráus, ou seu equivalente, quer dizer uma hora. Sabendo que a circunferencia do equador se divide em 24 horas, se dividirmos 360 por 24, o resultado achado é 15°, ou seja 1 hora (tempo) equivalente a 15° gráus, e por conseguinte 1 minuto de tempo igual a 15 minutos de gráus. Ora na redução dos gráus do circulo em tempo, adóta-se equal sistema, ou seja 1 gráu de circulo equivalente a 4 minutos de tempo.

Admitindo como faxa inicial, a que se acha colocada a 30 minutos a leste e oeste de Greenwich, todos os pontos da mesma faxa tem no mesmo instante, a hora marcada no ponto inicial.

Portanto, se cada faxa corresponder, como dissemos, a 15° gráus, ou a 1 hora, a faxa collocada a leste (que se lhe segue immediatamente) terá uma hora de avanço em relação á hora da faxa inicial, assim como a faxa collocada a oeste, terá uma hora de atraso, em relação á mesma. Portanto, quando fôr meio dia em Greenwich, será, segundo a nossa gravura, uma hora da tarde, perto de Berlim, Vienna, Athenas, etc., ao mesmo tempo que deverão ser onse horas em Lisboa.

São estas as bases geraes adótadas no congresso e que hoje se acham em uso em muitas nações, uso que Portugal deverá seguir desde 1 de janeiro do anno proximo.

A vantagem que resulta d'este facto, dá em resultado que todos os relógios deverão marcar ao mesmo tempo, o mesmo minuto e segundo, diferindo apenas as horas, consoante a sua posição em qualquer das faxas: para cada divisão ao poente, uma hora a menos, e para cada divisão ao nascente, uma hora a mais.

Mas na nossa gravura, facilmente se observa que alguns países se encontram a dentro de duas ou mais faxas, como succede por exemplo com a Russia, dando em resultado a hora oficial de San Ptersburgo, ser diversa de Moscow, visto a zona d'essa nação ser enorme. Esse inconveniente teria fatalmente de ser remediado e por isso se convencionou que as extremidades das faxas contornando as fronteiras deveriam ser aquellas que se deviam seguir para o calculo da hora oficial. Entre nós, por conseguinte, a faxa que devermos seguir será aquella que contorna a costa do Atlantico, e que se acha situada dentro da primeira faxa de oeste do meridiano de Greenwich, o que equivale a dizer que quando fôr meio dia em Greenwich, deverá contar-se 11 horas em todo Portugal, sem atender á sua distancia ao meridiano. E' essa hora inglesa que se convencionou chamar hora da *Europa occidental*, correspondente á faxa que passa por Greenwich.

As diversas faxas ou divisões de horas que atravessam a Europa, tomaram diversas designações, segundo os pontos do continente europeu que aproximadamente atravessam e assim se denominaram:

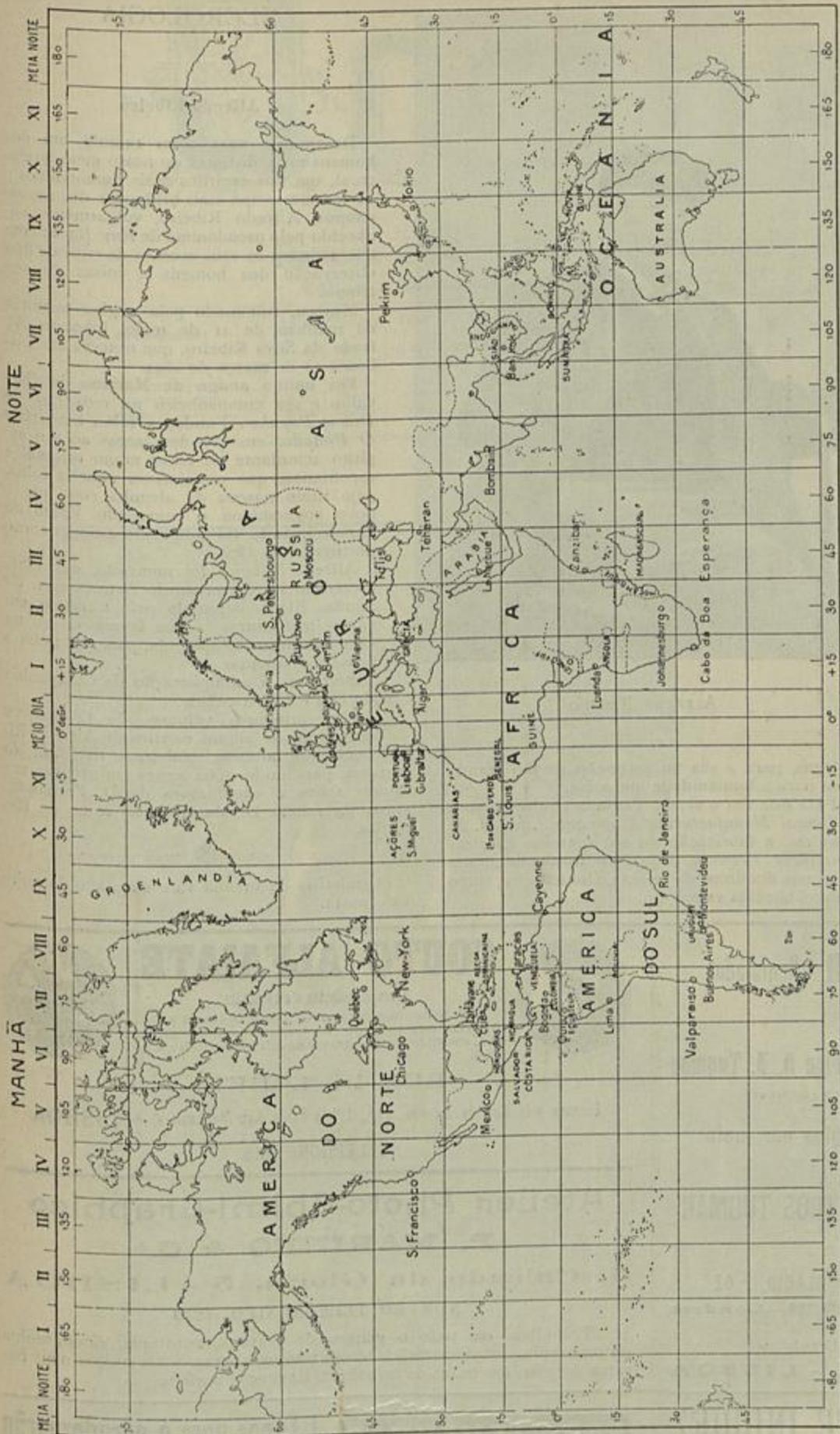
1) *Facha da Europa Central*, ou seja aquella que passa pelos pontos onde a hora oficial é superior a uma hora, em relação á hora de Greenwich, ou seja 1 hora mais tarde.

2) *Facha da Europa Oriental*, ou seja aquella que passa pelos pontos onde a hora oficial é superior a duas horas, em relação á hora de Greenwich, ou seja 2 horas mais tarde.

Além d'estas, ainda outras fachas tiveram designação especial como por exemplo, o *East Standard Time*, nos Estados Unidos, que atravessa os pontos que na nossa gravura, correspondem á hora V da manhã; *Central Standard Time*, o que corresponde á hora VI da manhã; *Mountain Standard Time*, que corresponde á hora VII da manhã e o *Pacific Standard Time*, que corresponde á hora VIII da manhã.

Portugal que até á data tinha a sua hora em relação ao meridiano de Paris e cuja diferença entre a hora de Lisboa e a hora de Paris no mesmo instante era de cerca de quarenta e cinco minutos, o que quer dizer que quando era meio dia em Paris, em Lisboa era apenas onze horas e um quarto, passará a ter uma hora de diferença em relação a Paris que fica na mesma faxa que Greenwich.

Os relógios deverão portanto ser atrasados de cerca de um quarto de hora, para que seja posto em vigor o decreto da hora universal, isto em



PLANISFERIO COM A DIVISÃO DAS HORAS PELO MERIDIANO DE GREENWICH

relação a Lisboa. Se nos referirmos a qualquer cidade ou villa de Portugal, a diferença será maior ou menor, consoante a diferença que houver entre Lisboa e essa cidade ou villa, referida á passagem do sol, no meridiano.

No sistema atual de horas, as diferenças entre dois pontos proximos são, como se depreende do que dizemos, muito sensiveis, e é assim que de Madrid para Lisboa, essa diferença sobe a 21 minutos e 13 segundos. Dentro do mesmo país, tambem ha, como dissemos, diferenças e assim é que, sendo meio dia em Lisboa, será:

No Porto	12 ^h 2 ^m 1 ^s
Em Coimbra	12 ^h 2 ^m 55 ^s
Em Elvas	12 ^h 8 ^m 10 ^s

Já em Angra (Açôres) a diferença é maior, e na ocasião em que é meio dia em Lisboa, é em Angra 10^h 47^m e 37^s da manhã, e no Funchal 11^h 38^m e 51^s, ou seja uma hora e doze minutos

e meio mais cedo em Angra, e trinta e um minutos e desenove segundos no Funchal.

Esta diferença de horas apresenta ás vezes, casos curiosos como, por exemplo, succedeu ha annos, que um telegrama espedido de Londres em 1 de janeiro, chegou ao seu destino (New York) no dia 31 de dezembro do anno que findára, isto é, chegou mais cedo do que a hora a que foi espedido. Não queremos com isto mostrar a celeridade dos enviados telegraficos na America, em relação aos nossos, que muitas vezes, um telegrama espedido de Lisboa para Cascaes, leva mais de oito dias para chegar ao seu destino.

Para mostrarmos que pouco espaço de tempo é necessario para que uma hora mude, lembremos a anedôta citada por Flammarion, na sua *Astronomia Popular*. Um viajante que desse a volta á roda do globo de Leste a Oeste, em 24 horas e partisse ao meio dia, teria sempre sol, no meridiano, e portanto, teria sempre a mesma hora e cada vez que tornasse a passar pelo ponto

de partida, contavam os habitantes, um dia mais e o viajante ficava mais novo um dia. Se isso fosse uma fórmula para que as pessoas edosas se tornassem jovens em pouco tempo, quantos emprenderiam uma viagem dessas, se possivel fosse realisá-la.

Perguntamos agora, quando é que o dia muda de nome, e o local onde o facto se dá?

A mudança de nome dá-se em geral á meia noite, mas em todos os momentos, o mesmo nome serve para todo o globo. O local da terra em que o dia muda de nome, é, segundo uma especie de convenção tacita entre marinheiros e geografos, o meridiano que atravessa o estreito de Behring e a Polynesie, em curva bastante irregular.

Isto dizia Flammarion em 1883. Hoje pouco mais se adeantou sobre o assunto. O dia muda sempre de nome, desde que dê a meia-noute, no local considerado.

Mas se o sistema da hora universal não vem fatalmente defazer esses pequenos inconvenientes, no entanto, vem reduzir a uma unidade mais positiva a hora portugûsa, em relação á hora do meridiano que se tomou por tipo. Temos só de trabalhar com horas, para as diferenças entre um ou outro local do mundo e evitamos a redução com minutos e segundos, como até agora, se dava.

ANTONIO A. O. MACHADO.

O Electro-Anesthene Tugman do dr. A. B. Tugman

Um novo invento temos a registar nesta secção destinada a recolher o que de mais interesse a ciencia vae apresentando em cada dia, nesta forte corrente de progresso que vem animando todas as manifestações da intelligencia.

Trata-se de um aparelho de anestisar destinado á extração dos dentes sem dôr por meio da electricidade, denominado *Electro-Anesthene Tugman*, invento do sr. dr. A. B. Tugman, proficiente odontologista que tem estudado profundamente esta ciencia, chegando aos melhores resultados como o da invenção do seu *Electro-Anesthene Tugman*, de grande beneficio para os doentes, conseguindo livral-os realmente do doloroso sofrimento, qual o de extração de dentes, pois por meio deste aparelho se facilita extraordinariamente essa extração, sem que o paciente sinta a mais pequena dôr.

Bastam são já as demonstrações feitas pelo sr. dr. Tugman do seu sistema da extração de dentes por meio da electricidade com o aparelho de sua invenção.



DR. A. B. TUGMAN

Em Inglaterra como em Espanha, o sr. dr. Tugman tem feito suas demonstrações com o maior éxito, e na revista mensal *La Odontologia*, do mez de abril proximo passado, encontrámos uma apreciação da conferencia que realizou na Sociedade Odontologica, de Madrid, onde foi apresentado pelo sr. D. Florestan Aguilar, director da *Odontologia*, professor da cadeira de cirurgia dentaria da Universidade de Madríd, dentista do rei Afonso XIII e da côrte.

Essa apreciação, altamente honrosa para o sr. dr. Tugman, é ao mesmo tempo a explica-

ção do seu invento, sobre o qual vamos elucidar o leitor, transcrevendo os seguintes períodos:

«O dr. Tugman explicou o seu sistema, que consiste no seguinte: 1.º Na aplicação duma compressa em cuja composição entram a adrenalina e o acido fenico em proporções que elle desconhece, por se tratar de um produto preparado por uma fabrica inglesa e que serve para insensibilisar superficialmente a parte em que tem de se dar as punções com a seringa. 2.º A colocação na cabeça do paciente, de um aro que termina em duas esponjas pequenas que se impregnam de uma solução de cloreto de sodio e que constitue o polo negativo. 3.º Na aplicação com uma seringa apropriada de liquido anestesico, que é um composto de eucaina beta, adrenalina, fenol, timol e mentol. Esta seringa, de embolo metalico e com a superficie exterior de borracha, como isolador, forma o polo positivo, adaptando se ambos os polos a uma corrente electrica de pouca voltagem, cujo aparelho produtor leva o anestesico.

O dr. Tugman fez demonstrações em varios doentes e viu-se que efetivamente a anasthesia era profunda, pois tratava-se de casos de extracções dificeis e laboriosas, e, num delles, em que só empregou a mesma solução em injeção ordinaria, poudese apreciar a grande diferença de sensibilidade.

O dr. Tugman foi muito aplaudido e pôz-se á disposição dos socios para dar todas as explicações que solicitassem sobre o seu sistema.

O sr. Aguilar, em nome da sociedade, agradeceu ao dr. Tugman a sua ida a Madrid e felicitou-o cordealmente.»

Em Lisboa teve o sr. dr. Tugman ocasião de fazer uma conferencia, sobre o seu sistema, na Academia de Estudos Livres, conferencia a que assistiu grande numero de medicos e dentistas, entre aquelles o sr. dr. Cabeça, um dos mais proficientes operadores portugueses do nosso tempo, e que foi dos primeiros a louvar o sr. dr. Tugman por seu maravilhoso invento, seguramente destinado a um grande exito, tanto mais que o sr. dr. Tugman põe o seu invento á disposição dos seus



ALFREDO RIBEIRO

colegas, para a sua vulgarisação, de tão grande bem para a humanidade que sofre.

Para este fim o sr. dr. Tugman contratou com a *Dental Manufacturing Company Limited*, de Londres, a fabricação do seu aparelho *Electro-Anesthene Tugman*, o qual vae tornando conhecido nos dominios da ciencia oontologica, como de reconhecida vantagem.

Alfredo Ribeiro

Desaparece para além tumulo um dos homens mais distintos do nosso meio intelectual, um dos espiritos mais humoristicos e ao mesmo tempo mais brilhantes dos nossos tempos, Alfredo Ribeiro, vulgarmente conhecido pelo pseudonimo de *Ruy Barbo* com que assinava os seus escritos de critica e fina observação dos homens e coisas do seu tempo.

Morreu, fulminado pela angina pectoris, na manhan de 21 de maio, Joaquim Alfredo da Silva Ribeiro, que nascera em Lisboa a 10 de março de 1844.

Foi intimo amigo de Mariano de Carvalho e seu companheiro na redacção do *Diario Popular*. Fundou a folha humorista *O Pimpão*, em que deu largas ao seu espirito scintilante de *verve* muito original e espontanea, que popularisou aquella folha, cujo titulo nasceu da alcunha com que o povo cognominou o couraçado *Vasco da Gama* quando foi adquirido pelo governo portuguez em 1878.

Alfredo Ribeiro foi nomeado, em 1878, secretario do Observatorio Astronomico da Ajuda. Eleito deputado pelo ultramar em varias legislaturas, a sua figura passou na Camara um tanto apagada, pois não tinha a bossa parlamentar.

Pertencia á administração da Companhia do Gaz e Electricidade.

Nos primeiros volumes do *OCCIDENTE* encontram-se alguns escritos de Alfredo Ribeiro, que tambem colaborava na *Mala da Europa*, para onde tinha agora em preparo um estudo sobre a candidatura de D. Fernando, viuvo da rainha D. Maria II, ao trono de Espanha.



O trabalho da manhã vale ouro e o da noite vale prata.

Electro Anesthene Tugman (Registado)

PATENTE

Operações sem dór, sem perigo, sem cocaina
Por meio da Syringa Electrica A. B. Tugman

Demonstrado em Londres, Portugal e Hespanha perante a arte e aprovado

Tratamento de doenças da bocca e nevralgias por meio das infiltrações electricas

TUGMAN LOCAL ANESTHESICO — EEMPLASTROS TUGMAN

O unico meio de operar sem dór e sem perigo

A. B. TUGMAN, DENTISTA — PALACIO FOZ

Apparelhos fabricados pelo DENTAL MANUFACTURING COMPANY LIMITED — Londres

Agencia e deposito de apparelhos Hickie Brothers

RUA DO CRUCIFIXO, 7, 1.º — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effcacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para colleções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200